



---

MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

## **Cartografia inicial da presença das mulheres no rádio do Maranhão (2024)<sup>1</sup>**

Izani MUSTAFÁ<sup>2</sup>

*Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA)*

Nayane BRITO<sup>3</sup>

*Universidade Federal de Santa Catarina (SC)*

### **RESUMO**

Neste artigo apresentamos a cartografia inicial da presença das mulheres no rádio maranhense. Os dados são resultados do projeto de pesquisa *Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)*, do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Identificamos as profissionais que atuam ou atuaram em estações radiofônicas nas principais cidades do Maranhão, dentro de quatro mesorregiões do estado: Oeste, cidades de Imperatriz e Açailândia; Leste, município de Caxias; Sul, Balsas; e Norte, a capital São Luís. Até novembro de 2024 foram entrevistadas 50 mulheres que tiveram e têm suas histórias de vida ligadas ao rádio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres no rádio maranhense; Cartografia; Pesquisa historiográfica e exploratória; Maranhão.

### **1 APRESENTAÇÃO**

A história da sociedade brasileira revela que desde a década de 1940 poucas mulheres trabalhavam fora de casa. Nem pensar em ocupar cargos em empregos formais, geralmente exercido por homens. A maioria das mulheres brasileiras, onde se encontram as profissionais da comunicação, sofreram algum tipo de opressão oriunda nas desigualdades sistêmicas e na construção de gênero que submeteu a população feminina à invisibilidade e a olhares racistas

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

<sup>2</sup>Professora Doutora do Curso de Jornalismo e do PPGCom da UFMA-Imperatriz, líder do GP RPM, diretora de Comunicação da ALCAR e autora do trabalho. E-mail: izani.mustafa@ufma.br

<sup>3</sup>Doutora em Jornalismo pelo PPGJor/UFSC, integrante do GP RPM e pesquisadora, e-mail: nayanebritojornalista@gmail.com



---

MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

e sexistas. De acordo com Butler (2000, p. 113), a construção social sobre identidade feminina abarcou elementos da constituição biológica e determinados papéis atrelados socialmente às mulheres. Geralmente foram representações subalternas, sendo as mulheres excluídas dos processos decisórios e tendo corpos e falas controlados por figuras masculinas.

Biroli (2010) diz que a cultura patriarcal sustenta a baixa participação das mulheres na cena política porque elas não têm interesse na vida pública. E que elas têm vocação apenas para as responsabilidades do ambiente familiar. Trata-se de uma perspectiva marginal da ação política das mulheres que sempre foi combatida pela mobilização feminista, pugnando os estereótipos e levantando bandeiras da igualdade e do fim da violência contra as mulheres.

O cenário, em geral, sempre foi opressor para as mulheres. Apesar disso, a historiografia do rádio brasileiro destaca que muitas profissionais do gênero feminino já trabalhavam em alguma rádio, desde o início das primeiras transmissões, a partir de 1920. E em algumas emissoras foram referências, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a Rádio Tupi e a Rádio Mayrink Veiga. Nelas algumas mulheres ocuparam cargos administrativos e foram protagonistas como cantoras, locutoras, apresentadoras de programas de auditório, discotecárias e atrizes das radionovelas que fizeram tanto sucesso nas décadas de 1940 e 1950. Naquela sociedade conservadora, muitas delas eram vistas como pessoas com um comportamento fora das normas sociais e, em geral, eram rotuladas de “mulheres de vida fácil”. De acordo com Georges Duby e Michelle Perrot (1995):

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das ‘mentalidades’, mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer dessa sombra. E mais ainda o movimento das próprias mulheres e as interrogações que suscitou. ‘Donde vimos?’ ‘Para onde vamos?’, pensavam elas: e dentro e fora das universidades levaram a cabo investigações para encontrarem os vestígios das suas antepassadas e sobretudo para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo. (Duby; Perrot, 1995, p. 7).



Portanto, as mulheres sempre estiveram presentes na história da sociedade, ao lado, junto com os homens e deram a sua contribuição. Participaram do movimento contínuo da história e tiveram uma postura de resistência ao ocupar diferentes cargos e lugares no principal veículo de comunicação que é o rádio. Foram contra as opiniões higienistas. Segundo Rago (1997), para os médicos e especialistas,

(...) o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família. De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação do seu caráter? (Rago, 1997, p. 588).

No entanto, as mulheres ocuparam algum cargo no rádio e, sim, contribuíram para o desenvolvimento econômico, salienta Margareth Rago (1997):

(...) uma parcela das trabalhadoras que ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX. (...) Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas –, em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, floristas e prostitutas. (Rago, 1997, p. 603).

Muitas delas trabalhavam em casa e estavam no mercado de trabalho. Tinham em geral duas jornadas, apesar dos preconceitos e de parte da sociedade não ver com bons olhos essas feministas que insistiam em trabalhar fora de casa para ter o seu próprio sustento ou ajudar seus maridos e famílias.

No recorte de gênero focado na profissão de Jornalistas no mercado de trabalho, destacado no Perfil do Jornalista Brasileiro de 2022, a presença feminina (57,8%) é superior ao masculino (41,9%). Mas, quando nos debruçamos nos estudos sobre as mulheres que atuam no rádio, verificamos



---

MOSTRA CIENTÍFICA

**18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA**

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

que existe uma desigualdade de gênero no meio radiofônico. No dossiê sobre Gênero e rádio, publicado pela Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, as pesquisadoras Debora Cristina Lopez e Lena Benzecry e o pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2022) apresentam dados do Portal Comunique-se sobre a disparidade entre o número de mulheres e homens no rádio brasileiro.

De acordo com a Workr, plataforma de comunicação corporativa do portal Comunique-se, 15.654 mulheres estavam empregadas em veículos de comunicação em 2019, o equivalente a 36,98% dos postos de trabalho no mercado de imprensa nacional. No rádio, contudo, a participação feminina era ainda menor: apenas 2.284 mulheres (20,5% do total) trabalhavam em funções jornalísticas, como repórter, apresentadora e diretora de redação, contra 11.182 homens (Benzecry; Kischinhevsky; Lopez, 2022, p. 3).

Essa realidade faz parte de algumas marcas históricas, sociais e culturais, que tanto geraram um público mais feminino quanto limitou a maior presença das mulheres a certos tipos de programas, entre eles os de Entretenimento como Radionovelas, Variedades ou Musicais. Infelizmente, a maioria das produções jornalísticas são apresentadas por homens. Em geral as vozes masculinas foram sempre consideradas mais expressivas e que passam mais credibilidade ao ouvinte.

Nessa perspectiva os estudos de gênero são fundamentais para compreender os lugares ocupados por homens e mulheres no meio radiofônico, assim como os valores envolvidos e como se estabelecem as relações de poder. No campo científico, onde também existe a predominância de mulheres, Juliana Gobbi (2021) destaca a notoriedade atribuída aos homens em obras referenciais sobre o rádio brasileiro. Com essa declaração, a autora não desmerece o trabalho dos pesquisadores, porém “[...] busca apenas ilustrar uma recorrente ausência que, ao longo dos anos, vem suscitando um processo de apagamento das contribuições e das figuras femininas que fizeram parte da história da



---

MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

radiofonia” (Betti, 2021, p. 60-61). As memórias e histórias dessas mulheres estão invisíveis na historiografia do rádio brasileiro.

Para este artigo, vamos apresentar a cartografia elaborada dentro do projeto de pesquisa *Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)*, do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Em 2024, as pesquisadoras Izani Mustafá e Nayane Brito elencaram para o estudo as principais cidades do Maranhão, dentro de quatro mesorregiões do estado: Oeste, cidades de Imperatriz e Açailândia; Leste, cidade de Caxias; Sul, cidade de Balsas; e Norte, cidade de São Luís. A partir desta delimitação, o objetivo foi visitar as rádios comerciais de cada município para localizar e entrevistar as mulheres que trabalham e trabalharam em veículo radiofônico.

Para o desenvolvimento inicial utilizamos a pesquisa historiográfica e exploratória proposta por Gil (2002) que possibilita um planejamento flexível, pois envolve o levantamento bibliográfico que, neste caso, está presente em TCCs, artigos, dissertação e tese, permitindo a identificação inicial de mulheres que trabalharam em rádio em Imperatriz e em algumas cidades do Maranhão. Para complementar a investigação, recorreremos também a busca ativa em emissoras de Imperatriz e Açailândia.

Considerando que os estudos de natureza exploratória estão inseridos nas investigações contemporâneas e dentro de um contexto real (Gil, 2002), demos início à elaboração da cartografia das mulheres que trabalharam e trabalham em rádio. Os dados quantitativos iniciais permitiram partirmos para uma outra etapa da pesquisa, considerando um recurso moderno que é a história do tempo presente e também reconhecida como história viva (Meihy, 2005, p. 17). Com o aporte da história oral que permite que se conheça e se registre as memórias, histórias e experiências de vida das pessoas, preenchendo lacunas na historiografia e, como documento posterior, sejam documentados e preservados, demos início a uma outra etapa da pesquisa. A realização das entrevistas semiestruturadas, previamente programadas e agendas em cada



emissora, sendo que a maioria foram realizadas presencialmente, nas cinco cidades elencadas: Imperatriz, Açailândia, Balsas, São Luís e Caxias. Das 50 ouvidas, apenas duas foram entrevistadas por meio *on line* (via *Google Meet*).

A história de vida dessas mulheres do rádio que será obtida por meio das entrevistas semiestruturadas envolvem a subjetividade do pesquisador. Por isso, o cuidado com a isenção será primordial. Será necessário, como alerta Thompson (1992), que a verdade obtida pelas memórias dos entrevistados seja mantida. Para Bosi (2004, p. 20), os depoimentos orais mostram uma complexidade de acontecimentos na ótica do narrador, marcada também por omissões, esquecimentos e representações ideológicas. Cabe ao pesquisador, então, uma “interpretação sutil e rigorosa” porque a fonte caminha em curvas no rememorar pessoal.

## **2 Mulheres no rádio maranhense**

“O rádio pra mim hoje é minha base, primeiro Deus, segundo a minha família, depois vem o rádio, sem o rádio eu não sei nem quem é Lene Silva, porque faz tanto tempo que eu vivo isso, não sei quem sou eu sem o rádio” (Maria Vilene Silva, Rádio Nordeste, 2024). O relato da locutora, Maria Vilene Silva, conhecida no meio radiofônico como Lene Silva, congrega as entrevistas realizadas com 50 mulheres que atuam ou atuaram em rádios do Maranhão.

São histórias, memórias, casos emocionantes, desabafos sobre agressões físicas e psicológicas de parceiros, confissões de abusos sexuais, morais, discriminações e preconceitos durante os trabalhos em rádios. São buscas por um espaço nas estações radiofônicas, momentos de superações e o amor pelo rádio descrito por todas as entrevistadas. A **Tabela 1** apresenta dados gerais dos resultados da pesquisa.

### **Tabela 1 – Resultados da pesquisa sobre mulheres no rádio do Maranhão**



Messorregiões	Cidades	Mulheres Entrevistadas
Norte Maranhense	São Luís	29
Leste Maranhense	Caxias	11
Oeste Maranhense	Imperatriz	3
	Açailândia	5
Sul Maranhense	Balsas	2
<b>Total</b>	<b>5 cidades</b>	<b>50 entrevistadas</b>

Fonte: As autoras, 2024.

A capital maranhense São Luís, localizada no Norte Maranhense, é a cidade com o maior número de mulheres entrevistadas até a finalização deste artigo, são 29. Presumivelmente até a conclusão da pesquisa essa proporção poderá permanecer, pois a localidade contém o maior número de rádios entre os 217 municípios maranhenses. Destaca-se ainda a possibilidade de entrevistarmos mais profissionais em São Luís, especialmente, as pioneiras.

Em São Luís visitamos oito rádios, distribuídas conforme a **Tabela 2**:

**Tabela 2 – Dados das entrevistas realizadas em São Luís**

Rádios	Entrevistadas	Quantitativo
Rádio Universidade FM	Maira Nogueira, Josie Bastos, Teresa Cristina Carvalho, Leila da Conceição, Mauad Rabelo, Lana Rodrigues, Karina Santiago, Sanndila Torres	8 entrevistadas
Rádio Timbira FM	Mônica Moreira Lima, Danielle Kline, Viviane Leite, Vanessa Serra, Ana Guimarães, Samira Maciel e Gisa Franco	7 entrevistadas
Rádio Difusora News	Diana Mendes, Jessica Almeida, Keith Costa e Luciana Silva Moreira.	4 entrevistadas
Rádio Assembleia	Maria Regina, Leda Lima, Regina Santos e Josélia Fonseca	4 entrevistadas
Rádio Mirante FM	Heloisa Batalha, Heloisa Fontenele e Carla Lima	3 entrevistadas



Rádio Educadora FM	Valéria Baldez e Emanuely Araújo Lima	2 entrevistadas
Rádio Mirante News	Alessandra Rodrigues	1 entrevistada
<b>TOTAL</b>		<b>29 entrevistadas</b>

Fonte: As autoras, 2024.

Verificamos na **Tabela 2** que as Rádios Universidade FM e Timbira FM se estabelecem como as maiores empregadoras de mulheres no rádio maranhense. Além da locução, em ambas as emissoras as profissionais assumem cargos administrativos e direção. Na Rádio Timbira a jornalista Maria Spíndola é a atual diretora, a primeira mulher a ocupar essa função em mais de 80 anos de existência do veículo. A Rádio Universidade FM é dirigida pela jornalista e docente Josie Bastos desde novembro de 2023.

Em menor quantidade as mulheres também estão presentes nas rádios Rádio Difusora News (4), Rádio Assembleia (4), Rádio Mirante FM (3), Rádio Educadora (2) e Rádio Mirante News que conta apenas com o trabalho da repórter e apresentadora Alessandra Rodrigues.

No Leste maranhense visitamos a cidade de Caxias. A **Tabela 1** nos mostra que o diálogo se deu com 11 mulheres, entre elas algumas que permanecem atuando em estações radiofônicas e outras que atualmente não estão em rádio. Todas com relevantes contribuições para contarmos a trajetória das profissionais do gênero feminino no rádio do município. Estivemos em três emissoras comerciais: Difusora FM (antiga Sinal Verde FM), Nordeste FM (antes Guanaré FM) e Tropical FM. Entre esses veículos, a Rádio Nordeste tem o maior número de mulheres, com a presença de três locutoras.

Em Imperatriz, situada no Oeste maranhense, por enquanto foram entrevistadas três mulheres que trabalharam no rádio e estão entre as pioneiras: Silvanete Gomes, Perpétua Marinho e Mari Marcocine. As três fizeram parte do quadro de funcionários da Rádio Imperatriz AM (ZYH-890), a primeira emissora legalizada da cidade. A emissora entrou no ar em 28 de outubro de 1978, teve





---

MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

uma grande audiência na região Tocantina, empregou vários profissionais, a maioria homens, que a consideram como uma escola.

Até o início de 2025 pretendemos encerrar as entrevistas com mulheres que atuaram e atuam no rádio imperatrizense. Por meio de consultas em sites e busca ativa nas oito rádios comerciais de Imperatriz - Cidade Esperança FM (106,9) – antiga Rádio Imperatriz, Mirante FM (95,1), Nativa FM (99,5), Difusora FM (105,1), Terra (100,3), Imperial FM (102,9), Massa FM (95,9) e Rádio Deus é Amor FM (101.3) - já identificamos 18 mulheres que ocupam diferentes cargos. Dez são apresentadoras de algum programa, duas são comentaristas e apenas uma ocupa um cargo de gestão como diretora. As demais, cinco, trabalham na área administrativa da rádio.

Ainda no Oeste maranhense, a **Tabela 1** exhibe que estivemos também em Açailândia entrevistando cinco profissionais. Identificamos mulheres nas rádios comerciais Açai Sorriso FM (104,7), Marconi FM (105,9) e Rádio Clube FM. A Rádio Açai Sorriso FM é a primeira emissora legalizada da cidade, foi inaugurada em 10 de novembro de 1988 com a frequência AM, denominada de Rádio Cultura AM. Anos depois migrou para o FM e alterou o nome. Nesse veículo foram entrevistadas: Isabel Cristina e Ledinalva Barros. A Marconi FM (105,9) destaca-se como a primeira emissora FM de Açailândia, foi fundada em 1989. Nessa rádio conversamos com Joeliza Ferraz, Vanusia Gonçalves e Valéria Cristina. Retornaremos à cidade para fazer outras entrevistas nas emissoras mencionadas e ainda na Rádio Clube FM.

Ademais viajamos até Balsas, no Sul maranhense. Na localidade estivemos na Rádio Boa Notícia FM e dialogamos com a locutora Eanes da Cruz Silva e a gerente comercial Isabela Cruz Nascimento. O veículo radiofônico tem ligação com a igreja católica, trabalha ainda nas questões ambientais, sociais e os direitos humanos.

Setembro de 2004 é o início das transmissões da rádio educativa Boa Notícia 770 AM, com a razão social Fundação Prelazia de Balsas. A ONG italiana não governamental, Associazione GAO



---

MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

Cooperazione, colaborou no intermédio com o governo italiano para o financiamento de 50% do valor total para instalação dos equipamentos e as despesas do veículo nos três primeiros anos de existência. Mesmo passado esse tempo, as ajudas da Itália continuaram durante um certo período (Brito, 2016, p. 209).

Em 2018, após 13 anos no ar como AM, a Rádio Boa Notícia migrou para o FM, mudou toda a programação, ganhou mais audiência, tornou-se mais musical, mas permaneceu a missão de evangelizar e o compromisso social. Além das duas profissionais entrevistadas, que fazem parte efetivamente do quadro de funcionários da emissora, outras mulheres colaboradoras participam de programas religiosos e sindicatos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo sintetiza a primeira parte do projeto de pesquisa *Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)*, do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, que pretende dar visibilidade às profissionais que trabalharam e trabalham no rádio do Maranhão, considerando o período de 1941, quando a primeira rádio entrou no ar, a Timbira, em São Luís, até o ano de 2024.

Nesta cartografia foram identificadas 50 mulheres que tiveram e tem suas histórias de vida ligadas a um dos principais veículos de comunicação. A partir da revisão bibliográfica (Brito, 2019; Brito, 2024; Mustafá, Martins, 2023; Ribeiro, 2011) e pesquisa exploratória foram elencadas cinco cidades do Maranhão, situadas dentro de quatro mesorregiões: Oeste, cidades de Imperatriz e Açailândia; Leste, cidade de Caxias; Sul, cidade de Balsas; e Norte, cidade de São Luís. Em cada cidade foram localizadas as rádios comerciais legalizadas para a realização das entrevistas semiestruturadas com as profissionais do rádio, independente da função que tivessem ocupado ou estejam ocupando.



---

MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

A partir da transcrição das entrevistas que serão realizadas pelas bolsistas PIBIC e integrantes do GP RPM, serão elaboradas as histórias de vida das mulheres que aceitaram participar desta ampla pesquisa. O objetivo do projeto é narrar as histórias de vida delas em um livro que contribua para a história do rádio no Maranhão com a perspectiva de gênero e colaborar com a pesquisa nacional trabalho coletiva intitulado *A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico*, encabeçado pelas pesquisadoras Valci Zuculoto (UFSC) e Juliana Gobbi Betti (UFOP) com o objetivo de fazer uma revisão do “relato histórico, incluindo o gênero como uma categoria de análise”.

O encontro com cada entrevistada reforça a relevância desta pesquisa para o campo do rádio, a historiografia das mulheres e, especialmente, para salientar o quanto cada profissional do gênero feminino contribui ou já contribuiu para desenvolvimento do meio radiofônico. As visitas às emissoras e os relatos reforçam o quanto ainda é desigual os espaços ocupados pelas mulheres no rádio.

Os olhares atentos, a busca na memória pelas datas, os relatos emocionantes e até as lágrimas durante as entrevistas também nos comovem. Mantemos a distância e a ética necessária enquanto pesquisadoras, mas inevitavelmente torcemos pelo sucesso e reconhecimento de cada profissional mulher que faz parte da história do rádio maranhense.

## REFERÊNCIAS

ALCAR. **Carta de Natal**. Natal, Rio Grande do Norte, 20 de junho de 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em: 13 agos. 2024.

ASSIS, Darlene Rose Costa de; SILVA, Amanda Cecília Marchi; SOUZA, Osmarina Pereira de. **Timbira: A Primeira Era do rádio no Maranhão**. In: 3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo/RS. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-3o-encontro-2001/>. Acesso em: 2 jul. 2024.



---

MOSTRA CIENTÍFICA

**18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA**

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

BIROLI, Flávia. **Mulheres e política nas notícias**: Estereótipos de gênero e competência política. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (online) v. 90, p. 45-96, 19 out. 2010.

BETTI, Juliana Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Florianópolis: UFSC, 2021. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

BRITO, Nayane. **Radiojornalismo no Norte do Maranhão**: um estudo de emissoras de antena (2018-2023). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. (Org.). **Escrever a história das mulheres**. In: THÉBAUD, Françoise. **História das mulheres no ocidente – O século XX**. Porto: Afrontamento, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

IBGE. **Censo 2022**. [on line]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>.

IBGE. **Estudo revela 60 anos de transformações sociais no país**. [on line]. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais#:~:text=Em%201940%2C%20havia%20equil%C3%ADbrio%20entre,\(83%2C6%20milh%C3%B5es\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais#:~:text=Em%201940%2C%20havia%20equil%C3%ADbrio%20entre,(83%2C6%20milh%C3%B5es).).

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**. Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

LIMA, Samuel Pantoja; MICK, Jacques (et al). **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2021. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>.

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. **Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos**. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora. Mariana - MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual De História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Ministério do Trabalho e do Emprego. **Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1º Relatório de Transparência Salarial.** Disponível em: [MUSTAFÁ, Izani. As mulheres na Rádio Difusora AM de Joinville \(1941-1961\). \*\*Anais.\*\* VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Guarapuava \(PR\): ALCAR, 2011. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-8o-encontro-2011/>. Acesso em: 9 agos. 2024.](https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial#:~:text=Os%20dados%20apontam%20que%20as,chega%20a%2025%2C2%25. Acesso: 10 jul. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane; PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres de ontem e de hoje no Rádio de Imperatriz (MA). **Anais.** XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói (RJ): ALCAR, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>.

MUSTAFÁ, Izani; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres que trabalham em rádio em quatro cidades da Região Tocantina (MA). **Anais.** Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Imperatriz (MA), 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/simcom-2023?lang=pt-br>.

MUSTAFA, Izani; BRITO, Nayane. Rádio e poder político no Maranhão, uma história de 78 anos (1941-2019). In: LOPEZ, Débora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; RADDATZ, Vera. (Org.). **Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção.** 1ed. Ijuí: Unijui, 2020, v. 1, p. 323-337.

PERROT, Michelle. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. **Cadernos Pagu** (4) 1995, p. 9-28.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

RIBEIRO, Sara Cristina da Silva. **A participação da mulher nas rádios de Imperatriz.** TCC. UFMA, Imperatriz, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. (1-35). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAne-ro-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAne-ro-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 20 jun. 2024.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.



---

MOSTRA CIENTÍFICA

**18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA**

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

---

ZUCULOTO, Valci; BETTI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. **Anais**. XIII Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: ALCAR, 2022.